

Introdução Introduction

Cláudia Madeira

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Instituto de Comunicação da NOVA - ICNOVA
Instituto de História de Arte - IHA/NOVA e Centro de Estudos de Teatro - CET/FLUL
claudiamadeira@fcs.unl.pt

Fernando Matos Oliveira

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras
Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX - CEIS20
fmatos@fl.uc.pt

Artistas e investigadores de diversas áreas têm vindo a revisitar discursos e práticas de criação teatral que ocorreram em contextos sociais e políticos de grande adversidade. Este interesse crescente sugere que a correlação entre exílio, fuga e pensamento vive uma conjuntura renovada, mostrando-nos a enorme resiliência do ato criador, na sua capacidade de operar e sobreviver a contextos opressivos e frequentemente violentos.

Partindo da dupla inscrição sugerida pela denominação *dramaturgias do exílio, dramaturgias da resistência*, este volume temático junta contributos que exploram questões como a criação teatral e os regimes políticos de censura; a relação entre teatro, deslocação e exílio; criações em diálogo com a memória e o arquivo; teatro em relação com sistemas e conjunturas políticas opressivas; exílio e práticas de teatro documental; colonialismo e o pós-colonialismo na criação teatral; estudos de caso sobre dinâmicas do exílio e da resistência.

Neste sentido, número 50 da Revista de Comunicação e Linguagens tem por objetivo constituir-se como “lugar de memória”, em relação com um amplo conjunto de processos e contextos de criação, tendo convidado investigadores e artistas a problematizarem o percurso das experiências históricas do teatro sob a censura e do teatro documental contemporâneo na transição do colonialismo para o mundo globalizado que conhecemos.

A revista apresenta uma secção de artigos, notas e comentários, recensões a espetáculos e a publicações que responderam genericamente a este tema, incluindo um dossiê temático organizado em torno de uma peça icónica na história da resistência antifascista e anti-colonial portuguesa, escrita por Peter Weiss no ano de 1965, intitulada *O Canto do Papão Lusitano*.

Na secção de artigos, com *Portugal: Um capítulo nos exílios de Augusto Boal*, Daniela Lemes dá a conhecer e reflete sobre a vivência do exílio português do grande encenador, dramaturgo e criador brasileiro do Teatro do Oprimido. António Marques, por seu turno, em *Mover Histórias <> Mover Fronteiras*, analisa os atravessamentos entre História, ficção e real, nas dramaturgias contemporâneas, desenvolvendo uma análise aprofundada do espectáculo *Moving People* de Christiane Jatahy. No ensaio intitulado *Partidas, para onde este bilhete me leva?: alteridade e atuação contemporânea*, a partir de um estudo de caso, relacionado com uma conferência de Mia Couto que fez parte do espectáculo *O Futuro por metade: variações cênicas sobre a mesma conferência* (2012), Vítor Lemos reflete sobre modos contemporâneos de desdobramento da conexão entre personagem, corpo e ação. A sua pesquisa decorre no avesso da tendência crescente para sintonia representacional entre vida e teatro, comum em registos atuais de criação documental ou autobiográfica. Com o texto *A Palavra Exilada Durante o Estado Novo: Bernardo Santareno em Cuba*, Susana Moura recupera, com contributos e fontes inéditas, o contexto histórico e cultural que caracterizou a encenação improvável da peça *A Traição do Padre Martinho* em Cuba, no ano de 1970. O seu trabalho dá conta da recepção imediata da peça, o processo de encenação pela companhia Rita Montaner e os debates em torno do repertório na ilha revolucionária, em contraste com a proibição da obra de Santareno em Portugal. Finalmente, em *Liberdade, censura e instrumentalização da arte: um olhar sobre o Manifesto da FLARI à luz do trabalho teatral de Bertolt Brecht* Mariana França Souto Maior reflete sobre a ideia de liberdade de criação e produção artística em contextos totalitários e as relações entre engajamento social e instrumentalização da arte a partir do “Manifesto por uma Arte Revolucionária e Independente”. Trata-se de um texto escrito por Leon Trotsky e André Breton, em 1938, que a autora cruza com a prática teatral de Bertolt Brecht, na medida em que este nexos crítico ilumina igualmente as condições estéticas e políticas do teatro contemporâneo e a questão da autonomia do artista.

O dossiê dedicado a Peter Weiss e à peça *Canto do Papão Lusitano* tem por objetivo apresentar algumas perspectivas inerentes ao percurso e enquadramento histórico-teatral desta peça, assim como à análise e impacto da mesma durante o período pré e pós revolucionário em Portugal. Republicam-se, em versões actualizadas pelos seus autores para o contexto desta revista, os artigos *Der Lusitanische Popanz: O colonialismo num drama alemão* de Peter Hanenberg e *A recepção portuguesa do drama “Gesang Vom Lusitanischen Popanz” de Peter Weiss. Antes e depois do 25 de Abril de 1974* de Maria Manuela Delille, que contextualizam respetivamente o processo de criação e de recepção desta peça. Apresentam-se novos textos de enquadramento — como é o caso do artigo *Weiss e Gericault: A História como parte da memória activa para servir o futuro* de Manuel Silva Pereira — e são analisadas diversas encenações no texto *A peça ‘Canto do Papão Lusitano’ de Peter*

Weiss - Reencenações 1971/1974/2017, escrito em conjunto por Cláudia Madeira, Carlos Pessoa e Manuel Silva Pereira.

Na secção “Notas e comentários”, Marissel Marques apresenta no seu texto uma série de eventos que desde 2017 têm ameaçado a produção artística e os artistas no Brasil, ilustrando este contexto especificamente com as dificuldades percebidas aquando da exibição em espaço institucional da peça *A Mulher Monstro*, pela S.E.M. Cia de teatro, inserida na programação do Festival de Teatro de Curitiba de 2019. Estes eventos poderiam ser classificados como censura, mas é especialmente comentado o carácter híbrido das restrições e das limitações colocadas à criação. António Mendes, por seu turno, apresenta uma recensão sobre uma performance crítica em torno das questões coloniais *Demythologise That History and Put it to Rest*, desenvolvida por Márcio Carvalho.

A secção de recensões apresenta-se dividida entre a análise de espetáculos, em sintonia com o âmbito temático deste número, e a análise de algumas das mais recentes publicações nas áreas de ação da revista. Francesca Reyner começa por analisar os modos de performatização da memória, tal como se apresentam no espetáculo *Amores Pós-Coloniais*, pelo coletivo Hotel Europa. A dramaturgia proposta por André Amálio explora a ambiguidade e a vigilância a que foram sujeitas as várias manifestações do amor e do afeto em contexto pós-colonial, até ao presente. Cláudio Castro Filho analisa criticamente o diálogo maior entre Brecht e Artaud, tal como se apresenta na encenação de Frank Castorf, *Galileo Galilei. Das Theater und die Pest*, na temporada 2019 do Berliner Ensemble.

Entre as recensões a livros, Cláudia Madeira apresenta o *Teatro de um Homem (L)ido: Metaficção Crítica e Teatral 1954-2005* (Dom Quixote/SPA, 2006) de Ernesto de Melo e Castro, que se apresenta com a singularidade de nos dar a ler textos de teatro concebidos por este escritor nunca (re)conhecido como dramaturgo; e cuja obra teatral nunca foi levada à cena no momento da sua criação, devido à censura aos espetáculos existente durante o Estado Novo em Portugal. Cláudio Castro Filho apresenta uma leitura do volume editado por Diego Santos Sánchez com o título *Theatre and Dictatorship in the Luso-Hispanic World* (Routledge, 2017), integrando-o na produção crítica recente sobre o contexto luso-hispânico que determinou de modo particular a criação artística neste espaço cultural. Maria Augusta Babo dá-nos a conhecer o livro editado em Espanha *Documentos del Presente – Una mirada semiótica*, coordenado por Jorge Lozano e Miguel Martim, que versa sobre o crescimento exponencial da informação digital e as suas repercussões na proliferação e conteúdos dos arquivos. Fernando Matos Oliveira encerra a revisão de publicações, com uma análise do volume *Wie frei ist die Kunst. Der neue Kulturkampf und die Krise des*

Liberalismus, de Hanno Rauterberg, historiador de arte com uma intervenção crítica e jornalística relevante no espaço germânico (Suhrkamp, 2018). Num ensaio incisivo e relacionado com os debates do presente, Rauterberg explora sobretudo a ressonância simbólica que a censura da criação artística contemporânea tem no contexto do liberalismo tardio: o seu regime sensível e aparentemente inclusivo, tal como a circulação material irrestrita dos seus bens e capitais, não parece tolerar o atrito semântico e a disrupção simbólica que a arte causa nos momentos em que (ainda) questiona valores e formas hegemónicas.

Rastreado a contemporaneidade em vários contextos históricos e críticos, este número da Revista de Comunicação e Linguagens revela como permanecem no horizonte da criação artística motivos substanciais para uma crítica atenta às dinâmicas do exílio e da resistência.

Notas biográficas

Cláudia Madeira é Professora Auxiliar do Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, lecionando na licenciatura e nos mestrados de Artes Cénicas e Ciências da Comunicação - vertente Comunicação e Artes. É investigadora integrada no Instituto de Comunicação da NOVA (ICNOVA) e colaboradora do Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sendo co-responsável nos dois centros pelo cluster *Performance arte & performatividades nas artes*. Colabora ainda no Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa como investigadora do projecto PERPHOTO – Dramaturgias do olhar : Cruzamentos entre Fotografia e Teatro no contexto português e Internacional.

Realizou o pós-doutoramento intitulado *Arte Social. Arte Performativa?* (2009-2012) e o doutoramento em Sociologia sobre *Hibridismo nas Artes Performativas em Portugal* (2007) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, no qual desenvolveu um capítulo denominado Plataforma Oculta em torno da História da Arte da Performance Portuguesa. É autora dos livros *Híbrido. Do Mito ao Paradigma Invasor?* (Mundos Sociais, 2010) e *Novos Notáveis: Os Programadores Culturais* (Celta, 2002). Escreveu vários artigos sobre novas formas de hibridismo, performance e performatividade nas artes.

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/portal/DB16-ABBD-9BFD>

Morada institucional: Avenida de Berna, 26-C / 1069-061 Lisboa Portugal

Fernando Matos Oliveira é docente no Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde leciona no Curso de Estudos Artísticos, sendo atualmente diretor do Doutorado. É membro integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX (CEIS20) e desde 2011 diretor do Teatro Académico de Gil Vicente. Coordena a coleção “Dramaturgia” da Imprensa da Universidade de Coimbra e tem publicado ensaios sobre teatro, performance, narrativa e poesia. É autor de *O Destino da Mimese e a Voz do Palco: O Teatro Português Moderno* (1997), *Teatralidades. 12 Percursos pelo Território do Espectáculo* (2003), *Poesia e Metromania. Inscrições Setecentistas (1750-1820)* (2008). Organizou e editou: *Melodrama* (1996, com Maria Helena Santana); *Antologia Poética* (1998) e *Escritos sobre Teatro* (2001), ambos de António Pedro; *Conceitos e Dispositivos de Criação em Artes Performativas* (2017) e *Ensaios Ruminantes. Sobre a Obra Performativa de Patrícia Portela* (2017, com Thiago Arrais).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5384-4528>

Morada institucional: Largo da Porta Férrea /3004-530 Coimbra Portugal